

Wilson Figueiredo

**P**ensava-se até bem pouco, a respeito de José Sarney, que o presidente fosse mais ele que o escritor. Para que comparar um e outro por baixo? Os fatos políticos mais recentes apontam mais qualidades no escritor.

Desconte-se do saldo literário, no entanto, o erro fatal cometido pelo político José Sarney por desatenção gramatical: O escritor podia perfeitamente ter advertido o presidente da diferença, em bom português, entre ir ao encontro e ir de encontro. O político tomou a via errada e se esborrachou de encontro à Constituinte — aquela mesma que, diariamente, pergunta ao seu espelho se já há alguém mais soberano do que ela.

Não há, evidentemente. Deu-se mal o presidente porque o escritor, que preexiste nele, não se lembrou de adverti-lo do perigo da alta velocidade na contramão gramatical. A pressa ciclótica em tirar o atraso, depois de deixá-lo acumular-se, não combina com o jeito caipira com que Sarney subiu ao Planalto. Ou, quem sabe, para salvar a reputação do escritor e do político, o motorista José Sarney vai ser culpado de bater de frente?

O fato é que nunca é com ele, o presidente. A culpa é sempre dos demais. Dos ministros, dos eleitores, dos consumidores. O primeiro ministério foi de Tancredo Neves, assim que deixou de dar certo. Foi com muita fome aos desacertos. O segundo veio a ser do PMDB, assim que se verificou que também falharia. Dele, Sarney, somente o cruzado, enquanto estava em alta na opinião pública. Até hoje, Sarney só assumiu a presidência, e assim mesmo para não exercê-la.

Bateu de frente quando, dirigindo o velho presidencialismo, dramático, modelo rabo-de-peixe, sucesso dos anos JK, passou a gramática pelo acostamento. Pela versão da culpa é da Constituinte que, mirando-se no espelho, nunca que tomar o partido do parlamentarismo, confessar preferência por um mandato presidencial de quatro anos e ofuscar a visão de Sarney. Quadriênio pode ser muito prático nos Estados Unidos, onde presta serviços há duzentos anos, mas não agrada a Sarney, com a sua visão de França Antártica.

No seu governo, os erros são contabilizados no nome dos ministros. Na coluna de *haver*, na parte que toca ao presidente, constam — de seu próprio punho — o mandato de cinco anos e o presidencialismo. Faz questão dos dois. Seu senso parlamentarista se resume em socializar os prejuízos políticos do governo entre os figurantes dos seus ministérios e em capitalizar, na primeira pessoa do singular, o pouco que sobra. A História, a seu ver, não é infensa à poupança. Em seis anos, alguma coisa deve sobrar.

Todo esse tempo Sarney passou na gangorra. Ora o escritor parece em cima, ora o político está mais alto. A alternância lhe proporciona bem-estar. No começo passou despercebido, mas, com a repetição, os psicólogos capturaram o caso. A suspeita começou no rádio às sextas-feiras, quando Sarney se dirige pontualmente às brasileiras e aos brasileiros: "Quem vos fala é o presidente Sarney." Alguma dúvida, por acaso? Sarney acabou, com tanta insistência, dando a impressão de que ele próprio é quem duvidava. Teve-se que, numa sexta-feira, Sarney dissesse às brasileiras e aos brasileiros que quem falava era o presidente

Ulysses Guimarães. Mas o mal regrediu ao nível de convivência.

De outra oportunidade Sarney foi considerado um prato feito para a ortopedia. Culpa da incômoda cadeira presidencial, trocada com mais facilidade que um ministro. O presidente ficou descadeirado, mas politicamente incólume. Ainda bem. Quem ainda nos fala às sextas-feiras pelo rádio continua a ser o presidente Sarney, conforme o próprio invariavelmente garante. Não precisava o presidente dar-se o incômodo semanal de sair de si próprio para fazer a apresentação dispensável. Os dois da existência radiofônica não chegam infelizmente a fazer um só presidente na hora de passar da palavra à ação. Nunca também ficou bastante claro quando é o vice ou quando é o presidente quem está no exercício da hesitação. O vice é afável e parece descontraído, mas o presidente é chegado a uma esquizofrenia. Por sinal, cada vez chega mais perto. Não perde oportunidade de rachar-se. E, sempre que pode, tenta abrir ao meio o PMDB. É da doença.

Justiça se lhe faça: não foi Sarney quem propôs a questão opcional entre presidencialismo e parlamentarismo. A Constituinte começou a brincadeira e Sarney, em vez de ir ao encontro dos constituintes, confraternizar e entrar no jogo, tomou as dores do presidencialismo. Logo ele, que não deu para a coisa. Ninguém entendeu. Pensava-se que Sarney tivesse feito o que fez no governo — isto é, nada — para desacreditar de vez o presidencialismo. Uma contribuição modesta mas à altura do momento histórico, e de acordo com as suas posses, para convencer os constituintes de que o parlamentarismo é muito menos ruim, infinitamente menos.

Os dois Sarneys de sempre empurram o verbo para o plural e despertam uma tremenda desconfiança quando se dispõem a fazer juntos pelo presidencialismo o que não fizeram separados pela nova república. Fazem agora pelos amigos, os mesmos de sempre. Sarney prefere a dupla personalidade radiofônica, na qual se farta em distribuir canais a amigos e parentes. O presidencialismo é também isso.

Queixa-se o presidente Sarney (qual dos dois?) de que não se passou um dia, em seus dois anos e tanto de mandato, sem que tentassem desestabilizá-lo. Deve ser coisa do labirinto, porque ele está convencido de que nós — contribuintes e eleitores — não fizemos outra coisa a não ser impedi-lo de governar. E, não contentes, ainda queremos deixá-lo com um mandato sureca, como se diz em Minas. E nós, que pensávamos aliviá-lo da hesitação.

Não há mais a necessidade de Sarney esclarecer, na primeira ou na terceira pessoa, quem fala. O sotaque é inconfundível, da mesma forma que o estilo ressalta o escritor. Mas não adianta fazer birra. O parlamentarismo não é uma desfeita pessoal ao presidente, por mais que Sarney se retire de si mesmo quando fala pelo rádio. Ele não tem realmente culpa pelo mau governo, mas por que então assume a culpa de todos os que, como ele, dilapidaram o presidencialismo?

O parlamentarismo chega pontualmente quando se faz mais necessário. Pela hora histórica, como costumam dizer com convicção os que acertam diariamente o seu relógio por ela. Tudo indica que vem para ficar. O presidencialismo adquiriu um ar insuportável de canastrão à espera de aposentadoria. Nem o jaquetão conseguiu melhorar-lhe a aparência pesada e lerda.

JORNAL DO BRASIL